

Oração de Sapiência

Cerimónia de Entrega das Cédulas Profissionais aos novos médicos das Faculdades de Medicina da Universidade de Coimbra e da Beira Interior.

Convento de S. Francisco – Coimbra – 10 de Dezembro de 2022

Américo Figueiredo

Meus queridos e Jovens Colegas

Sei que os discursos deste tipo devem ser inspiradores, otimistas e, o mais importante, breves.

Quero começar por me curvar perante o trabalho, o sacrifício, e a determinação de quem sonhou por este momento muitos anos, e deixou sangue, suor e lágrimas ao longo do trilho já caminhado da maratona que é a nossa vida. Este é um dos check-points mais importantes da vossa jornada. Chegaram. Estamos todos hoje aqui contentes e satisfeitos para vos fazer a receção merecida e dar as boas-vindas. Os que vos são mais próximos estão convosco celebrando o que já fizeram e prometendo ainda mais apoio para o que resta da caminhada que nesta profissão não termina.

Vou ser breve, otimista e tentar ser inspirador.

Nas sondagens sobre prestígio profissional, a profissão médica com a de enfermagem, permanecem no topo das listagens, como as mais confiáveis, na maior parte dos países.

Não conheço qualquer outra área de atuação na sociedade que ofereça tanta variedade e tantas oportunidades excecionais como

aquela de que fazemos parte. Com a minha recente saída de Professor e Diretor de Serviço, talvez ainda esteja um pouco nostálgico, mas permaneço convicto de que a medicina, ao servir aqueles que nos dão o privilégio de os cuidar e curar, é a mais nobre das profissões.

Há 45 anos levantava na Ordem dos Médicos a minha própria cédula profissional e não consigo imaginar poder ter escolhido uma melhor ocupação para a vida.

Hoje, não me sinto muito diferente do que era nessa época, até me cumprimentar ao espelho todas as manhãs e ver, felizmente frequentemente, as minhas três netas chamarem-me avô.

Mas recuso-me a pensar que estamos separados por 45 anos. Na verdade, não há qualquer lacuna que me separe de vós. Somos parte de um continuum, que remonta a mais de 2.500 anos, de compromisso e vontade de aderir em consciência aos princípios hipocráticos. A medicina é uma curva ascendente de progresso, de conquistas e de vitórias sobre a doença e a incapacidade, de que todos fazemos parte.

Os nossos maiores pensadores sempre assim nos viram:

François-Marie Arouet, (Paris, 1694 - 1778) que todos vós conheceis melhor por Voltaire, disse um dia as duas seguintes frases:

“Aqueles que se ocupam no tratamento dos outros pelo exercício conjunto do saber e humanidade estão acima de todos os grandes da terra. Eles partilham mesmo da Divindade; já que preservar e renovar, é quase tão nobre como criar.”

E disse ainda:

“A arte da medicina consiste em ajudar e partilhar com o paciente enquanto a Natureza cuida da doença”.

Apesar de Voltaire não acreditar ainda numa Medicina ativa e grandemente atuante, como nessa época de facto não existia, ele tinha, nesta como em muitas outras coisas, uma posição esclarecida: o médico está envolvido numa missão e profissão maravilhosas – ser capaz de com suas mãos ou saber, manter a saúde a alguém ou reverter um doente ou um grande traumatizado para um estado de saúde.

Outro filósofo do século XVIII dizia que o médico estava sentado na primeira fila do teatro da vida: e é verdade; consegue vivenciar a antítese entre dar a notícia do nascimento de uma criança normal e saudável num parto em que tudo correu bem, até ter de transmitir a alguém que sofre de uma doença fatal somente com alguns meses de vida, e que deve fazer, do resto do tempo que lhe resta, o que acha que tem de ser feito.

Nós, os médicos, somos também gente diferente em tempos de guerra e de paz: A afirmação “sou médico” no acidente rodoviário que acaba de acontecer faz toda a diferença, e o Artigo 16º da adenda à Convenção de Genève que regula o trabalho médico em teatro de guerra expressa: “Ninguém será punido por ter exercido uma atividade de carácter médico conforme à deontologia, quaisquer que tenham sido as circunstâncias ou os beneficiários dessa atividade”. Leia-se que podemos e devemos tratar mesmo os inimigos.

Esta Cerimónia que nos oferece a Ordem dos Médicos tem muito de simbólico e identifica-se a um ritual de passagem, em que se possa vincar e impregnar-vos, no momento em que ao chegarem a esta nobre profissão, possam sentir o prestígio, o peso e a responsabilidade, perante vós e a humanidade, de receberem a vossa cédula profissional.

É que hoje juntam-se e começam a fazer parte de uma cadeia de união com mais de 2500 anos, nascida na ilha de Cós, em pleno mediterrâneo oriental onde nasceu simultaneamente a ciência e a ética da profissão médica sob a direção de Hipócrates e da sua Escola. A essa ética médica demos-lhe desenvolvimento e hoje assumimos o ser Médico como servidor e advogado do Homem doente.

E eu pretendo, apesar da festividade e alegria também própria desta celebração, que este ritual seja realizado de tal forma que se consigam lembrar deste dia todas as vezes em que as dificuldades de tratar um doente vos desconfortem e que um ser humano, na sua condição mais frágil porque doente, às vezes pobre, se aproximar de vós para vos pedir ajuda. Ao entregar-se em vossas mãos assina convosco um pacto de confiança que é nosso dever honrar.

A partir de agora vão aproximar-se ainda mais do vosso mais próximo e mais prestigiado Professor – O Homem doente: ouçam-no com atenção porque sabe tudo da sua doença; mantenham os olhos abertos para o incomum, o inesperado. Cada paciente tem uma nova história para contar; cada um inspirará a sua própria observação e todos são diferentes e podem ser uma oportunidade de

aprendizagem. Procurem a surpresa na história, pois é assim que as novas descobertas são feitas. A melhor investigação é a que tem origem e é focada no doente.

No momento dessas trocas íntimas e secretas em que seres humanos, desde os mais simples e fragilizados, convosco interagirem de forma aberta e entrega total, estão a envolver-vos num pacto e a assinar uma escritura implícita com cada um dos habitantes do planeta. O de fazer tudo quanto em vós caiba para a sua melhor saúde e o de reivindicar junto de todos os poderes o melhor para todos os vossos doentes. Não estão a assinar nenhum contrato social comum – é mesmo necessário que reivindiquem o melhor para vós no exercício da vossa profissão – mas estão a envolver-se pessoalmente e pela vossa honra, com todos os Humanos independentemente da etnia, género, credo, língua ou origem social.

Vivemos todos a pandemia de Covid19 e vocês conhecem as circunstâncias; quando processo essas recordações, saliento as fissuras da sociedade expostas pela pandemia: as dificuldades do nosso sistema de saúde; as debilidades de uma economia frágil que não aguenta um teste de stress; as vulnerabilidades da insegurança habitacional e da mobilidade; uma rede prisional superlotada. Continuo a refletir sobre as políticas que nos conduziram a essas dificuldades e preocupa-me a forma como pouco ou nada fazendo, até já quase as esquecemos.

Tivemos o desafio de receber em 1983 um dos primeiros doentes de SIDA. Infetado em França, tinha estado no Hospital Bichat em Paris e com uma forma generalizada de Sarcoma de Kaposi foi transferido para o Serviço de Dermatologia dos HUC, para morrer em Portugal,

num momento em que nada era conhecido da doença: agente causal, modos e vias de transmissão, sendo o conhecimento científico nulo. Nada tínhamos para oferecer ao Senhor José senão boa vontade, dedicação, auxílio e compaixão. Apesar disso e independentemente dos riscos que corríamos, e que nem sequer equacionávamos, ninguém faltava à visita médica e todos estávamos disponíveis para o assistir e dele cuidar mesmo quando a família se afastou ao ter conhecimento do diagnóstico.

Todos os conhecimentos que vos foram ministrados nas áreas clínicas são muito importantes, tal como o são as aptidões e atitudes técnicas treinadas para as diversas circunstâncias.

São todas elas diferenciadoras e farão de vós médicos em plenitude, mas, com o tempo que já têm de envolvimento nesta ciência e arte, estaremos provavelmente de acordo que ter sido o melhor a qualquer disciplina não fará de ninguém o melhor médico.

Um provérbio africano tornado famoso por Al Gore diz-nos: se queres ir depressa vai sozinho, mas se queres ir longe vai em Grupo. A Medicina é um trabalho de equipa. O Médico não salva vidas, a equipa sim. Frequentemente alguns membros da equipa nunca vão ver o doente, mas a sua opinião atempada pode, a qualquer momento, fazer uma diferenciação positiva. Estamos todos, juntos e em equipa, nesta grande profissão. Se nos tratarmos entre nós com respeito e igualdade, faremos isso, de forma natural, com todos e com os nossos doentes em particular.

Vão ter muito trabalho e indecisões entre hoje e a consumação da ambição saudável de ser um bom médico. Façam esse caminho, passo a passo. Muitos milhares de médicos das nossas Faculdades

de Medicina nos precederam. Todos tinham as mesmas preocupações e incertezas que vocês têm neste momento, mas conseguiram e levaram o bom nome das nossas Escolas Médicas aos cinco continentes e, em conjunto, tocaram em centenas de milhares de vidas. É nosso dever louvá-los e honrá-los nesta cadeia interminável de ensino-aprendizagem que é a arte médica. Não há outra qualquer profissão em que, por quase nada tangível, se ensine tudo o que se sabe.

Os eventos da vida são comumente referidos como picos e vales, altos e baixos, mas raramente como curvas. Mas eu gosto mais dessa metáfora – as curvas. A vida na medicina é uma série de curvas, uma mudança de direção mais gradual do que abrupta, mas cada uma delas suficiente para alterar a vossa trajetória de vida. Ser otimista, decidir com o coração e olhar o longo prazo independentemente das dores do caminho, é fundamental para aproveitar cada curva e não ter medo de seguir a nova direção. Os pontos vão unir-se depois, já que não se veem a olhar para a frente, só quando pudermos olhar para trás, como disse Steve Jobs aos recém licenciados da Universidade de Stanford.

A vossa capacidade para ajudar, antecipar problemas e mesmo salvar vidas, vai acentuar-se agora com a vossa ida preferencial para junto de quem sofre e com o apoio dos vossos Mestres, colegas mais velhos e orientadores de formação.

Façam-no com lealdade à profissão: porque esta é muito maior que vós.

Façam-no com respeito pelo ser humano e a humanidade porque isso transcende-nos.

Façam-no com um sentido de ajuda e partilha porque isso nos dá um sentido de força em grupo.

Façam-no em cooperação. Sejam competitivos, mas não deixem que a competitividade ultrapasse a cooperação, porque isso tem um prejudicado – o doente.

Mantenham a profissão simbólica, nobre e com a mística que lhe é própria, porque só assim conseguireis fugir às leis do mercado e não serdes tratados como mercadoria.

Sejam resilientes – resistam a tudo o que possa prejudicar o doente. Mesmo quando implique e faça perigar a vossa posição perante as hierarquias – e isso vai acontecer.

Sejam exemplos na Sociedade e arranjem ainda tempo para integrar as suas organizações: associações de pais e de solidariedade; organizações de classe; partidos políticos e façam em tudo ouvir a vossa voz. Se somos tão diferenciados individualmente porque não intervir diretamente e pôr as mãos no nosso futuro coletivo ?

Pratiquem a medicina com consciência e dignidade e impregnem cada um dos vossos mesmo pequenos atos com o que são e no que acreditam e isso dar-vos-á uma dimensão maior que a pequenez que é cada um de nós.

Não se assustem com a enormidade da dor e devastação do mundo. Façam o que for justo, agora. Sejam solidários, agora. Caminhem



humilde mas determinadamente, agora. Sejam exemplo, agora. Não são obrigados a terminar o trabalho, mas também não estão livres para o abandonar.

O caminho é agora o vosso caminho.